

**VALORIZAÇÃO DAS CANÇÕES INDÍGENAS  
(FUNERAL E CASAMENTO):  
UMA ABORDAGEM SOCIOLINGÜÍSTICA**

*Marlene dos Santos Limieri Dualibe* (UEMS)  
[marladualibe25@hotmail.com](mailto:marladualibe25@hotmail.com)

*Natalina Sierra Assêncio Costa* (UEMS)  
[natysierra2011@hotmail.com](mailto:natysierra2011@hotmail.com)

**RESUMO**

Os indígenas da aldeia urbana Marçal de Souza convivem com diferenças culturais diariamente, entretanto um traço de sua identidade é a canção utilizada nos funerais, onde os indígenas demonstram sua dor e questionam a morte do ente querido e a canção da cerimônia de casamento que fala sobre a alegria espiritual emanada com a união de duas pessoas que se amam. O *corpus* que será utilizado, foi coletado com indígenas idosos da Marçal de Souza que se mantêm fiel às suas tradições e dentro desse contexto, utilizaremos a sociolinguística como estratégia de valorização cultural e transitaremos nessas duas canções para analisar seu sentido étnico.

**Palavras-chave:** Canções indígenas. Sociolinguística. Funeral. Casamento.

**1. Introdução**

O homem se utiliza de diversas maneiras para se comunicar, mas é na canção que os indígenas da tribo Terena encontraram a melhor forma de expressar seus sentimentos e é através da música que manifestam sua última homenagem e despedem-se dos mortos, entretanto, à medida que se aproximam da vida urbana, distanciam-se cada vez mais de sua cultura.

Essa adaptação social o coloca em um período de transição, que requer uma análise mais profunda do ponto de vista da sociolinguística, pois segundo Saussure (1857-1913) a língua é viva e como tal "Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo [...]; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade" (*Curso de Linguística Geral*, p. 22). Dessa relação novas regras vão se formando e antigos conceitos passam a ser obsoletos.

Na canção de funeral que chamaremos de canção A, não somente é um lamento, como também é o instante de questionamento diante da vida, intercalados por momentos de desabafo com os demais membros que choram a perda do ente querido. Enquanto que a canção de funeral

B, fala dos anjos e cita o céu da cultura cristã. Na canção de casamento não obtivemos autorização para trabalhar.

## **2. Objetivos gerais**

A busca pelos corpos para compor esse artigo expôs uma realidade que causou desconforto entre os indígenas, pois ao serem questionados sobre a canção de funeral demonstravam conhecimento da existência desse ritual, mas 100% não sabiam se quer cantar ao menos um trecho, nem em língua terena e nem na língua portuguesa. Diante desse quadro percebemos a necessidade de registrar essa canção e tentar interpretar seu sentido pela óptica sociolinguística e quiçá despertar o interesse de outros para uma pesquisa mais profunda.

## **3. Metodologia**

Partimos para a aldeia urbana Marçal de Souza, onde vivem cerca de 140 famílias indígenas, algo em torno de 650 pessoas da etnia terena, cuja finalidade seria entrevistar uma indígena idosa que mantinha a tradição da canção de funeral, entretanto essa mesma senhora encontra-se acamada e com sérios comprometimentos cerebrais o que acarretou perda de memória e nenhum de seus herdeiros tem o registro dessas canções, após vários dias de pesquisa em campo descobrimos que não há indígenas nessa localidade que se dispusessem desse material, portanto a canção cultural *Unae yaneye* foi coletada na aldeia Buriti, no município de Sidrolândia/MS, por um acadêmico indígena que efetuou uma gravação com sua tia avó na tribo citada e que prefere não se identificar.

A segunda canção *Yayoko onvongu*, trata-se de um hino, também utilizado em funerais, entretanto, percebe-se traços contemporâneos da religião evangélica, coletada na aldeia urbana Marçal de Souza.

Em posse da gravação de *Unae yaneye*, buscamos alguém que fizesse a transcrição em terena e em português, nesse momento nos deparamos com uma dificuldade ainda maior, pois há uma escassez de intérprete na língua terena. Nossa busca nos levou à Escola Municipal Sullivan Silvestre Oliveira – Tukune Kalivono (criança do futuro) na aldeia Marçal de Souza, onde o professor de língua terena, I. G. p. (43) pertencente à etnia terena efetuou a transcrição e tradução.

## **4. Corpus da análise**

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Na canção *Unae yaneye* não nos foi informado conhecimento anterior aos dados referente à autoria, composição ou período, são informações que nossas fontes não souberam responder.

<i>Unae yaneye</i>	Tradução: <i>Itamar Jorge Pereira</i>
Unae yaneye	Deus tu estas presente aqui
Xapakuke amozeno vookuke	com a minha família
Pihopoti kuxoti xane kooyene	e hoje um ancião partiu
Haneyeovo ovonguke	um ancião
Xapákuke ra amonzeno	que viveu entre nós
Vooku pihopoti kooyene	e hoje partiu
Kuxoti xane	esse ancião
Ovoti yaye xapakuke úti	que nos deixou
Omonpane íhae vanúke kooyene	Foi o nosso Deus que recolheu
Kixevotimo ikéne kooheene	e sentiremos saudades
Mbihopone kali kuxoti xane	estou partindo
Ovoti yeye xapákuke úti	um dia habitei entre nos
Kixovotimo úti	e estaremos com muita saudades
Ikeneke kali kúxoti xâne.	Pela morte do nosso ancião
Unae, unae, unae, kixovotimo úti	Meu Deus, meu Deus, meu Deus, sentiremos saudades
Kenookotimo xururúkoti úko	Relâmpagos com tempestades estão por vir
Mbuyakopavatimo kali	os netos lembrarão esses momentos
Ra únati xunati	a da força da natureza.
Omópáne íhae vanúke	Deus o recolhe a vida
Yakoyemo pihópótimo maka	e todos um dia morrerão.

Canção interpretada no idioma terena e em português pelo indígena V.G., sexo masculino, idoso, morador há onze anos na aldeia urbana Marçal de Souza.

Yayoko onvongu	Tradução: Aqui não é meu lar
Yayoko onvongu	Aqui não é meu lar
Úndi yonóti	um viajante eu sou,
Vanuke onvo	Se o céu não é meu lar,
Unae Jesus Nameamo angoyeye	Senhor o que eu vou fazer?
Ininxoanjua ihaxikonoti	Avisto um portal com os anjos a chamar
Urungopovoti mókoe kuti káxe	No lar celestial espero um dia entrar
Unae Jesus elokeko ongovo	Senhor meu Deus (...) meu prazer,
Akoti ovongu	Se o céu não é meu lar
Nameamo angoyeye	senhor o que eu vou fazer?
Ininxoanjua iháxikonoti	Avisto um portal com os anjos a chamar
Urungopovoti mókoe kuti kaxe.	E num lar celestial espero um dia entrar

### **5. Análise sociolinguística**

O material de estudo da sociolinguística é justamente a simetria dentro da variedade de comunicação, tomando como parâmetro os prin-

cipais elementos que caracterizam esse indivíduo em sua sociedade, considerando, sua idade, fatores sociais, escolaridade, sexo. Enquanto que a gramática busca a padronização da língua, a sociolinguística foca nas diferenças.

Nesse artigo a sociolinguística variacionista fornece um suporte, por considerar o contexto social de produção, que tenciona as mudanças linguísticas diacronicamente justificando alterações sofridas considerando questões sociais, históricos, étnicos, e principalmente o tempo pelos quais foram transcorrendo todas essas interferências.

Existem outras canções culturais utilizada em funerais, a *Unae yaneye* é apenas uma entre tantas, o problema se apresenta na questão de provocar nos mais velhos a importância em fornecer o material para pesquisa e o interesse dos mais jovens em manter os costumes.

Nesse material coletado exige-se um ritual complexo, a peculiaridade se dá ao fato de que deve ser executado por uma mulher idosa, que tenha laços consanguíneos com o morto, de preferência a mãe e na ausência dela, uma idosa mais próxima. O único instrumento que acompanha a melodia, eventualmente, é um chocalho artesanal confeccionado na própria tribo.

Um fato interessante na letra, segundo o professor da língua tere-na Itamar Jorge, que também é filho de xamã, em determinados momentos o próprio morto fala pela boca do interprete, por isso em dados momentos a frase aparece na primeira pessoa: “Mbihopone kali kuxoti xane, Ovoti yeye xapákuke úti” (estou partindo, um dia habitei entre nós).

Esses rituais variam diatopicamente, conforme pesquisa com indígenas da aldeia Ipegue em Aquidauana (MS), nos relacionaram que presenciaram em alguns rituais um crucifixo. Como é do conhecimento de todos, a cruz é um importante instrumento de fé em nossa sociedade e está culturalmente ligada a fé cristã, foi trazida pelos portugueses a bordo da naus de Cabral no século XV, tanto que o primeiro nome do Brasil foi Ilha de Santa Cruz. Entretanto dessa fundição cultural, acabou tendo um uso diferente dos demais que conhecemos, fato esse que consiste em após a canção funérea o morto é levado ao cemitério e sepultado, mas a cruz tem que permanecer por seis dias no local onde houve o funeral e no sétimo dia o próprio crucifixo deverá ser velado, então todo o ritual é novamente reproduzido, mas no lugar do morto depositam a cruz. Novamente a canção de funeral é entoada e o crucifixo é carregado e depositado no cemitério, a partir desse momento o espírito do morto finalmente

deixa a terra.

A canção *Yayoko onvongu* pode ser conduzida por qualquer pessoa, não é necessário que seja parente do morto. Nessa canção é evidente a marca da convivência das relações sociais. Labov (1968) afirmava que mesmo não havendo um acordo que definisse uma ordem de comunicação, é intrínseca a concordância nos momentos que se relacionam, sendo essas relações discriminadas ou exaltadas, daí define-se seu uso ou seu arquivamento.

Não só os fatores extralinguísticos como gênero, escolaridade ou sociedade que colocam essas duas canções em culturas diferenciadas, suas relações diacrônicas e diatópicas lexicais, foram fundamentais para tais alterações.

Valter Guilherme, o indígena terena, interpreta a segunda canção, dizendo que aprendeu esse hino em língua terena e em português com seu avô, segundo ele seu avô aprendeu com uns missionários que ficaram por um longo período nos anos sessenta, na aldeia Taunay – Aquidauana – aprenderam o idioma da comunidade e fizeram diversas transcrições de hinos e ensinavam-nas nos cultos que ministravam. Por esse motivo percebemos semelhanças com as denominações religiosas das grandes cidades. Entretanto ao entoar o hino em terena o nome de Jesus era citado, mas ao traduzi-lo foi substituído por “Senhor”; ao ser indagado sobre essa tradução ele nos informou que para eles não existe diferença entre Jesus e Senhor (Deus).

Note que o céu descrito na canção do terena Valter nos faz lembrar aqueles afrescos pintados na capela cistina no Vaticano por Michelangelo (1475 a 1564) no século XVI:

“Ininxoanjua iháxikonoti                      “Avisto um portal com os anjos a chamar  
Urungopovoti mókoe kuti kaxe.”    E num lar celestial espero um dia entrar”

Labov justifica determinadas variações estilísticas como “as modificações mediante as quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato do seu ato de fala” Labov (1972, p. 271)

## **6. Conclusão**

Devido às dificuldades apresentadas verificamos uma grande importância em levantar mais dados e dar continuidade no registro dessas canções culturais antes que caiam em total esquecimento, como está

acontecendo com algumas melodias na aldeia urbana Marçal de Souza, somente uma indígena terena tinha o conhecimento das canções de funeral e casamento e a medida que sua saúde se deteriora a cultura se distancia a tal ponto que hoje não há nenhum representante para efetuar um ritual desse âmbito. Associar à investigação elementos de alterações na lexicologia, para que se estabeleça uma concepção sincrônica e diacrônica para determinados fenômeno.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1970.

LABOV, William. *How I got into linguistics, and what I got out of it*. Disponível em: <<http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/HowIgot.html>>. Acesso em: 04-12-2013.